



Pe. Daniel Nascimento | Assistente Nacional

«VIRÃO ADORAR-VOS, SENHOR, TODOS OS POVOS DA TERRA»? (SL 72,11)



Foto: António Rendeiro

Nos primeiros dias deste novo ano estivemos, como sempre, “a caminho de Belém”, como os Magos vindos do Oriente. Estes, quais peregrinos guiados por uma estrela e pela palavra divina, simbolizam, como indica a citação do salmo acima (que cantamos como refrão na solenidade da Epifania), todos os povos da terra. De facto, ainda que as Escrituras sejam parcas em detalhes, a tradição encarregou-se de lhes dar número, nome, cor da pele e idade, como expressão da diversidade que representam: são três, o número da completude (correspondendo aos dons que transportam: ouro, incenso e mirra), e chamam-se Gaspar, Melchior e Baltasar; têm pele clara, negra e amarelada, como os povos das regiões conhecidas ao tempo; um é jovem, outro de meia-idade e outro mais idoso. Usando as conhecidas palavras do Papa Francisco, os Magos representam «todos, todos, todos» que são chamados para ir adorar o Menino em Belém nascido. Tenham as diferenças que tenham, de percurso de vida, cor de pele, cultura... todos são chamados a *fazer caminho para Belém!*

Ora, gostaria de destacar este último aspeto, por vezes esquecido, da exortação papal. Uma Igreja para todos não é sinónimo de uma Igreja que simplesmente inclua toda a diversidade humana. Mais que isso, e porque o respeito pela liberdade que cada pessoa tem de dizer “não” é um imperativo irrenunciável, trata-se de uma exortação a que todos

“façam caminho”. Não apenas geográfico, do ponto A para um ponto B que podemos identificar num mapa, mas sobretudo existencial, espiritual, interior! Assim, é bom que nos perguntemos, nestes inícios de 2024: que caminhos estamos dispostos a percorrer? Que opções deveremos tomar? Que coisas deveremos rejeitar? Que dimensões do nosso viver precisam de ser rezadas e aperfeiçoadas?

É um ano que começa sob os auspícios de guerras que ameaçam a nossa civilização; ano que será, dizem alguns, decisivo para as democracias ocidentais, com um número recorde de eleições em vários países, incluindo no nosso, que celebra 50 anos de uma mudança fundamental no nosso sistema político, “fundado” a 25 de abril de 1974; ano em que a Igreja continua a refletir acerca da sua identidade e missão, com uma segunda assembleia sinodal que complementará e concluirá uma reflexão feita com seriedade e serenidade, sempre à escuta daquilo que o Espírito Santo lhe diz ...

Com estes e outros desafios, como é que nós, enquanto cidadãos, cristãos, escuteiros, nos posicionamos, como é que “fazemos caminho”? Não será certamente no sofá, confortáveis numa inércia de quem espera que o mundo trate dele próprio (às vezes, a nossa rotina de vida é um destes “sofás” ...). Dessa forma não se chega a Belém! Isto é, não se chega a Cristo, que é, Ele mesmo, a resposta decisiva às interrogações mais profundas de cada um. ■